

HISTÓRIA EM REVISTA

Núcleo de Documentação Histórica

UFPeI
Editora Universitária

Pelotas - Número 2 - 1996

Class:	<i>Revista</i>
Registro:	<i>585</i>
Data:	<i>24/03/97</i>
Doação:	<i>Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPeI</i>

Reitor:

Prof. Antonio Cesar Gonçalves
Borges

Vice-Reitor:

Prof. Daniel Souza Soares
Rassier

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-
Graduação:**

Prof. Alci Enimar Loeck

**Pró-Reitor de Extensão e
Cultura:**

Prof. Francisco Elifaete
Xavier

Pró-Reitora Administrativa:

Prof. Inguelore Scheunemann
de Souza

Pró-Reitor de Graduação:

Prof. Paulo Roberto Soares de
Pinho

**Pró-Reitor de Planejamento e
Desenvolvimento:**

Bel. Antonio Leonel da Silva
Cunha

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor:

Jorn. Fernando de Oliveira Vieira

Gerente Operacional:

Bel. Manuel Antonio da Silva
Tavares

Planejamento Editorial:

José Hermínio Barbuchã

Diretor:

Prof. Sidney Gonçalves Vieira -

Vice-Diretor:

Prof. Sebastião Peres

**Núcleo de Documentação
Histórica da UFPel**

Coordenação Administrativa:

Profª Cláudia Mauch

**Coordenadores de Linhas de
Pesquisas:**

**Quotidiano de Pelotas (e
Região Sul):**

Profª Fábio Vergara Cerqueira

Movimentos Populares:

Profª Beatriz Ana Loner

Antropologia:

Profª Flávia Maria Silva Rieth

Imigração e Gênero:

Profª Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Profª Lorena Almeida Gill

Profª Maria Leticia Mazzucchi
Ferreira

Técnicos Administrativos:

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

**Digitação, Composição e
Diagramação:**

Mara Lúcia Vasconcelos da
Costa

Ficha Catalográfica: Vera Ruth Machado Campelo

História em Revista. Pelotas: Instituto de Ciências Humanas; Núcleo
de Documentação Histórica/UFPel, nº 2, 1996, Semestral.

1. Ciências Humanas - Periódico. 2. História - Periódico.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
II FORUM DE TEORIAS DA HISTÓRIA	
1. A SEXUALIDADE NO BRASIL COLONIAL	09
Luiz Mott	
2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTATUTO DO TEXTO HISTÓRICO.....	29
Themístocles Cezar	
3. O DIÁLOGO TENSO ENTRE PAUL VEYNE E MAX WEBER.....	47
Adhemar Lourenço da Silva Jr.	
PESQUISAS DO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel	
1. O ASSENTAMENTO DA PALMA: a individualização do coletivo.....	65
Beatriz Ana Loner, Lorena Almeida Gill, Paulo Mattos, César Reis Gomes, Rodrigo Dias	
2. OS JUDEUS EM PELOTAS.....	85
Lorena Almeida Gill, Jairo Luis Fleck Falcão	
HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA	
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS MENTALIDADES.....	97
Álvaro Moreira Hypolito	
2. O PODER ATRIBUÍDO À MÚSICA NO IMAGINÁRIO GREGO: SUAS MANIFESTAÇÕES E SUAS FUNDA- MENTAÇÕES CULTURAIS	107
Fábio Vergara Cerqueira	

3. FOTOGRAFIA E DOCUMENTO: DUPLICIDADE INALIENÁVEL	137
Francisca Michelon	
4. A INDÚSTRIA DE ENERGIA ELÉTRICA EM PELOTAS	149
Gunter Axt	
5. NO LIMITE DA VIDA? NOTAS SOBRE VELHICE E MORTE	175
Maria Leticia Mazzucchi Ferreira	
6. O ENSINO DA HISTÓRIA: CONCEPÇÕES E METODOLOGIA.....	189
Paulo André Passos de Mattos	
7. O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DO QUILOMBO DE PALMARES.....	201
Pedro Paulo A. Funari	
ENTREVISTA COM OTÁVIO BRANDÃO	209
RESENIAS	
1. Resenha do Livro de GENRO, Tarso. "Utopia possível".....	255
Delamar José Volpato Dutra	
2. Resenha do Livro de Priore, Mary Del. "Festas e Utopias no Brasil Colonial".....	261
Edgar Rodrigues Barbosa Neto	

APRESENTAÇÃO



O Núcleo de Documentação Histórica da UFPEI foi criado em março de 1990 tendo como propostas iniciais resgatar e conservar documentos relativos à própria instituição, bem como desenvolver acervo que tivesse como temática organizadora, o movimento operário na cidade de Pelotas. Passados seis anos de sua fundação, o Núcleo ampliou sua abrangência para outras linhas de investigação, contando atualmente com cinco pesquisadores vinculados ao Departamento de História e Antropologia, dois técnico-administrativos e alunos bolsistas, cujas pesquisas tematizam sobre o cotidiano, movimentos sociais, imigração e gênero.

A trajetória que vem trilhando o Núcleo de Documentação nessa sua recente existência mostra sua disposição em abrir-se aos mais variados objetos de investigação, às mais diferentes formas de abordagem do real, concebendo em seu interior profissionais de áreas diversas como historiadores e antropólogos num diálogo extremamente profícuo e contemporâneo que adquire visibilidade na revista que ora trazemos ao público.

ENTREVISTA COM OTÁVIO BRANDÃO

Ex-dirigente comunista, realizada em 28 de abril de 1979, no Rio de Janeiro

Entrevistadores: Beatriz Ana Loner e Valmir Menezes

Esta entrevista teve o objetivo inicial de ouvir o entrevistado sobre os Primeiros de Maio mais importantes do período antes de 30, o que faria parte de uma matéria especial do jornal Em Tempo sobre aquela data. Contudo, tanto entrevistado quanto entrevistadores distanciaram-se daquele objetivo inicial e o resultado foi uma entrevista onde se esclarecem alguns aspectos fundamentais tanto do movimento operário antes de 30 quanto das relações internas do PC, especialmente depois de 1945. A entrevista permaneceu inédita até hoje e aqui vai publicada na íntegra. Entretanto, ela não foi revisada pelo entrevistado.

Quais os Primeiros de Maio mais significativos do período anterior a 30 ?

Os Primeiros de Maio mais importantes foram: o de 19 - ponto culminante daquele período todo - o de 27, quando terminou o estado de sítio - terminou a 31 de dezembro de 26. O Primeiro de Maio de 27 foi muito importante; o de 28 e o de 29. Estão aí os 4 Primeiros de Maio mais importantes daquele período.

O Primeiro de maio de 19 foi o ponto culminante de todos aqueles movimentos. A primeira grande vaga de movimentos operários

e democráticos do Brasil. Antes houve movimentos isolados, mas movimentos de massa... - os jornais burgueses deram o comparecimento de 60 000 trabalhadores - e você sabe, os jornais burgueses sempre procuram minimizar, reduzir a nada os movimentos operários. Havia de 60 a 100 mil trabalhadores, que estiveram na Praça Mauá; fizeram comício lá e depois desfilaram pela avenida. Era uma massa colossal!

Naquele tempo, todos eram anarquistas - no 1º de maio de 19 - os líderes operários eram todos anarquistas, ou anarco-sindicalistas, o que vinha a dar no mesmo. Eram partidários de Pedro Kropotkin, anarquista russo que fugiu da prisão na Rússia e viveu no estrangeiro. Eles desfilaram, 60 a 100 mil trabalhadores, pela Avenida Rio Branco, com o retrato de Lênin no peito, dando "vivas" a Lênin e à Revolução Russa.

Pensavam que Lênin era anarquista. Sobre que base? Confiscando o poder, pregando a paz - liquidação da guerra imperialista - tomando as terras, tinha que ser anarquista; porque o atraso teórico dessa gente, esses líderes do movimento operário da época era tão grande, que eles não sabiam o que era bolchevismo, o que era o (...). Marx era uma espécie de social-democrata, pregando a conciliação da guerra; a ilusão e a confusão dos líderes deste período que não sabiam nada de nada.

No Rio de Janeiro, em 19, 20, 21 e primeira metade de 22, andei abaixo e acima com 3 perguntas: O que é que Lênin representa? Que é a Revolução na Rússia? O que é o marxismo?

Ninguém me ajudou: "Mas como é? Vocês não sabem?" Eu queria saber. Eles não sabiam de nada. Fui na Livraria Garnier, aos

sábados, na Rua do Ouvidor, onde se encontravam os líderes, a fina flor dos literatos, [e me responderam:] "Não sei nem quero saber!" Era assim a mentalidade de 19: "Não sei nem quero saber! Isso dá culeira." E, de fato, muitas vezes eu fui preso, lá em Alagoas e também aqui, logo pra começar. "Isso dá culeira". A covardia moral e intelectual da fina flor dos literatos do Brasil, do Rio de Janeiro, que era a capital de fato (...) na época, era profunda. Não sabiam nem queriam saber. Então, éramos guiados, defendíamos as greves, os movimentos operários, convocávamos os comícios, íamos nos comícios, mas não tínhamos uma base teórica, a não ser de Bakunin, de Proudhon, de Kropotkin, de Sebastião Faure na França, de Malatesta na Itália e assim por diante. Não tínhamos uma base teórica.

O senhor está falando em 'nós'. Quem era o 'nós'?

Nós, os anarquistas. Eu também fui anarquista, 2 anos e meio. Até a segunda metade de 22, quando eu li Marx e Engels pela primeira vez e então aderi ao Partido Comunista. Outubro. Mas a data era 7 de novembro. Diz o Astrojildo que precisava de alguém para garantir, solenizar a minha adesão ao Partido Comunista. Então, botou a data de 7 de novembro de 1923; mas, na realidade, entrei para o Partido em, mais ou menos, 17 de outubro.

Então, essa massa desfilou pela avenida - não havia ainda a cisão do movimento anarquista - todos eram anarquistas. Saíram com o retrato de Lênin, dando vivas a Lênin, vivas à Revolução na Rússia e conquistando nas lutas, nas greves, o dia de 8 horas. Foi um dos pontos culminantes, porque trabalhavam 12, 14, 16 horas, nas fábricas de tecidos em Alagoas, [por exemplo]. Não podiam plantar, nem criar

um bicho em casa ou no quintal, nada, nada. Tinham que viver do salário da fábrica - e o salário era miserável - então trabalhavam 12, 14, 16 horas. De modo que a luta pelo dia de 8 horas foi uma luta progressista na época. E, às vezes, tinha de ser..., não por decisão do governo, nem dos patrões, era decisão dos próprios [operários]. Por exemplo, em Vitória, chegava 5 horas da tarde, o Sindicato da Construção Civil batia o sino, os operários não pediam licença, largavam o trabalho. [Os patrões reclamavam:] "*Ainda tem que trabalhar!*" [E os operários respondiam:] "*Não, o sino tocou no Sindicato. Nós obedecemos é ao Sindicato*". E iam embora. Foi assim, conquistado o dia de 8 horas em Vitória do Espírito Santo.

Mas manteve-se essa conquista por muito tempo?

Sim, aí o governo tratou de voltar a 9, 10, 12 horas. Durante anos e anos, os operários da construção civil, os tecelões, tiveram que defender o dia de 8 horas, porque nós não recuávamos. Dia de 8 horas e aumento de salários - isso era uma revolução na época. Pois foi através de lutas, de greves gerais nas grandes cidades - Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Bahia, Recife - nas grandes cidades, greves gerais: só os hospitais recebiam leite, comida, etc. Tudo o mais parado: os trens paravam, os bondes paravam - greves gerais. Uma vaga de movimentos operários e democráticos de 17 a 20. A primeira grande vaga de movimentos operários; foi o despertar da classe operária porque abarcou o país inteiro, sempre com reivindicações progressistas - dia de 8 horas, aumento de salários.

Havia os delegados dos sindicatos dentro das fábricas. Os secretários dos sindicatos, como aqui da União dos Operários nas

Fábricas de Tecidos na rua (...), telefonavam para a fábrica, [e diziam:] "*Chamem aí Fulano!*" Era o delegado do sindicato dentro da fábrica. Os patrões não queriam reconhecer, mas era assim. O dirigente do Sindicato dava ordens ao delegado sindical, dentro da fábrica: "*Faz isso ou aquilo!*" Foi uma luta tremenda!

Então, de 60 a 100 mil trabalhadores, desfilaram pela Av. Rio Branco, dando vivas a Lênin e a Revolução Socialista, com um entusiasmo extraordinário. O 1º de maio de 19 foi o ponto culminante.

Depois disso, o movimento caiu. Porque caiu? Porque era dirigido pelos anarquistas; um erro teórico tremendo! Os anarquistas decretavam a greve geral e não sabiam mais o que fazer, um erro teórico e prático tremendo! Além da greve geral, o anarquismo não compreendia mais nada.

É que era a concepção de que pela greve geral se obteria o fim do Estado....

E era o fim. Faziam a greve geral, parava tudo, e não tomavam mais nenhuma medida. Quando para os comunistas, a greve geral é apenas o começo da Revolução. Montar a máquina do Estado proletário, a ditadura do proletariado, punhos de ferro: polícia, tribunais, exército, marinha, aviação..... tudo, tudo, tudo nas mãos da Revolução. Derrubar, destruir toda a máquina do Estado burguês e sobre as ruínas desta máquina construir a nova máquina do Estado proletário.

O anarquismo não queria nem ouvir falar do Estado, ele só enxergava o Estado burguês. Não viam nem um palmo adiante. Então, erro teórico e

Depois, erro na condução dessas greves que acabaram em derrotas - como a greve da Leopoldina em 1920, a greve dos marítimos - que acabaram em derrotas. Então, a massa escorreu abandonando o sindicato, o sindicato ficou (.....).

Além disso, o presidente Epitácio Pessoa dizia : " *No Brasil, não há questão social* ". Epitácio Pessoa tratou de dividir o movimento operário: os brasileiros, patriotas, apoiando o governo e a polícia; os estrangeiros, anarquistas e tal... e foi prendendo e deportando. Não sei quantos deportou, de 50 a 100 militantes portugueses, espanhóis, italianos. E o movimento operário que era dirigido por esses anarquistas - portugueses, espanhóis, italianos - perdeu a direção. Os brasileiros eram muito poucos. Então, os sindicatos foram reduzidos a esqueleto. E, por isso, o 1º de maio de 19 foi o ponto culminante de todo aquele movimento, sobretudo de 17 a 20.

Então, começam os longos anos de estado de sítio. O Epitácio Pessoa, conquistou o poder, veio a Insurreição de Copacabana de 22; estado de sítio de 4 anos; isso no terreno nacional. No terreno internacional, o capitalismo recuperou as forças; a Revolução só triunfou na Rússia, aquela vaga de movimentos democráticos e revolucionários mundiais foi esmagada a ferro e fogo, ou então foram enganados pelos reformistas, sociais democratas, menchevistas; então houve uma queda do movimento revolucionário mundial. Então, o estado de sítio no Brasil e a queda do movimento revolucionário mundial....

Aí nasceu o Partido Comunista, neste ambiente. Pouco depois foi fechado pela polícia, que prendeu 13 a 14 camaradas que estavam

na sede do Partido, na rua da Praça da República, esquina Rua da Constituição, e o partido ficou ilegal de 22 até 45.

Não teve um período curtinho de semi-legalidade em 28?

Não, quem era legal era o Bloco Operário e Camponês. Nós vimos que, como Partido Comunista, não podia ser legal. A polícia invadia, quebrava tudo, dava pancada e arrebatava tudo. Era assim. Então, como o Partido não podia ser legal, aí mudamos e fizemos o Bloco Operário e Camponês. Primeiro Bloco Operário, em 27. Em 28 tornou-se Bloco Operário e Camponês. Então ... em 28, teve um período legal, como Bloco Operário e Camponês. Mas em 29, a polícia foi lá. Oh, a fotografia que saiu: eu ao lado dos caixões, tudo quebrado, tudo arrebatado pela polícia! Eu, ao lado dos caixões... (mostra a foto). A polícia fechou, nós reabrimos. A polícia fechou, nós novamente reabrimos. A polícia fechou pela terceira vez, o Bloco Operário e Camponês. Nem como Bloco Operário e Camponês pode existir, quanto mais como Partido Comunista! E, como Bloco Operário e Camponês, de quando em vez, eu era preso. Vinha a polícia | e perguntava :|

" *O que é que vocês estão fazendo ?* "

A resposta : " *Alistamento eleitoral .* "

" *Só ?* "

" *Só .* "

" *E o Partido Comunista ?* "

" *Não sei lhe informar .* "

Escapava pela tangente. E assim, me soltavam. Eu recomeçava (...) em 28, 29. Triunfamos! Fizemos, pela primeira vez, dois vereadores - naquele tempo se chamava intendente - comunistas. Dois comunistas conhecidos: Minervino de Oliveira, operário marmorista e eu, que era intelectual. Isso foi em 28, 29.

Mas em 27, vocês não elegem um, contra o Mauricio de Lacerda?

Bem, Mauricio lançou a candidatura de Prestes para cindir o movimento operário que ia votar no operário João Jorge da Costa Pimenta, operário gráfico, um preto, em São Paulo, que foi nosso candidato a vereador. Ele lançou a candidatura de Prestes sabendo de antemão que não era possível; no último momento ele lançou para cindir. Ele não quis aderir ao Bloco. Quem aderiu foi Azevedo Lima, um médico de São Cristóvão, que tinha um eleitorado próprio e e foi eleito. Depois traiu, dizendo... No correr de uma semana, passou de deputado eleito pelo Bloco Operário a amigo de Júlio Prestes e Washington Luiz. E quando houve o golpe armado de 30, de Getúlio, ele foi preso em Juiz de Fora, com as armas na mão, defendendo o governo, defendendo a eleição de Júlio Prestes: "- Meu amigo..." Mas, antes, pregava a ditadura do proletariado, mas não ganhou (...). Nós fomos... e [dissemos:] "*Azevedo Lima, não diga isso! Ainda é muito cedo para a ditadura do proletariado no Brasil! Precisamos é fazer as coisas mais simples, mais elementares no Brasil, que ainda não foram feitas. E você já está sonhando com a ditadura do proletariado!*" Antes era assim, e no decorrer de uma semana, deu um pulo da esquerda para a capitulação mais traidora. Nós o

expulsamos como traidor, ele ficou zangado comigo. Era o secretário do Bloco Operário e Camponês.

E como é que foram os Primeiros de Maio da época, já que o senhor disse que eles eram importantes?

Washington Luiz cometeu um erro tremendo! Ao invés de levantar o Estado de Sítio, deixou que ele terminasse a 31 de dezembro de 26. Em 3 de janeiro de 27 apareceu o nosso jornal *A Nação* - diário, imagina! Atacando Washington Luiz como herdeiro e cúmplice de Bernardes. Havia ilusões de que o seu seria um governo... assalto... liberal, etc, etc. Por causa dessas ilusões, e de outras razões, a Coluna Prestes atravessou a fronteira, pensando que Washington Luiz ia dar anistia. E ele dizia: "*Comigo é na madeira!*" E, de fato, mandava meter o facão, a torto e a direito. Dissolvia os comícios com o sabre

Foi um governo muito repressivo, então? A repressão aumentou no governo dele?

De Washington Luiz? Bem, no tempo de Bernardes, nós fazíamos as coisas ilegalmente. Washington Luiz procurou fazer legalmente: ele sempre recorria à pata de cavalo; a polícia entrava no Sindicato, quebrava aquilo tudo, dissolvia as nossas reuniões a tiro. O operário trabalhador do Arsenal de Marinha, Raimundo de Moraes, 28 anos... Era zona militar, era proibido fazer comício no Arsenal da Marinha. Pois eu e o Minervino éramos candidatos. [Eu disse:] "*Minervino, vamos! Lá é zona proibida.*" Minervino era um homem de uma bravura extraordinária! Morreu há uns dois anos... nunca ele disse não. Fomos lá, fizemos o comício. O comício acabou dissolvido pela

polícia, os operários protestaram ; aí , o policial atirou e o trabalhador Raimundo de Moraes - trabalhador do Arsenal da Marinha - caiu junto à mim e Minervino. Morto! A bala atravessou o cérebro.

Era assim, no tempo de Washington Luiz, que hoje é dado como " Varão de Plutarco" , essas coisas entraigadas isso é mito ! Isso é lenda ! Não tem nada de 'Varão de Plutarco'. Comícios dissolvidos à bala - por exemplo, em 7 de novembro de 1929, na Praça do Teatro Municipal - o comício foi dissolvido à bala. Era Washington Luiz o presidente. Sempre assim.

E no 1º de Maio de 19, a polícia saiu às ruas para reprimir os manifestantes ?

Não, viu aquela massa e encolheu-se, teve medo. Então, não houve desordem e os operários desfilaram livremente pela Avenida.

Mas, na década de 20 , houve isso ?

Depois, em 23,... nós manobramos. Sabíamos que ...já existia Partido Comunista. Os operários não acreditavam e eu dizia: "*Vai haver, vamos celebrar, vamos comemorar o 1º de maio.*" [Eles perguntavam :] "*Como é que sabe?*" [Eu digo:] "*Sei, porque o governo está às voltas com a luta armada, contra os revoltosos - revoltosos de São Paulo, de 5 de julho de 24, mas antes em 5 de julho de 22 . aqui em Copacabana- e não quer complicações com a classe operária. Então vai deixar, vai permitir que a classe operária comemore o 1º de maio de 23.*"

Orientei os trabalhadores, que foram a polícia, disseram: "*Nós somos dirigentes dos Sindicatos e queremos comemorar o 1º de maio de 23*". E os policiais [perguntaram:] "*É o Partido Comunista ?*".

[Eles responderam :] "*Não sabemos nada de Partido Comunista.*" Era tão fraco e, no entanto, a polícia já tinha medo, já tinha receio! [A polícia disse :] "*Nada de Partido Comunista. Vocês vão fazer uma comemoração sindical . Falam os militantes, os dirigentes dos sindicatos e ninguém mais!*"

Quando chegava à hora, do meio da multidão aparecia um camarada e lia lá o manifesto em nome do Partido Comunista, desmoralizando o governo e tudo...o imperialismo. Aí, a polícia queria prender o camarada, porém, mergulhava no meio da multidão e a polícia não o encontrava. 23 foi assim, 24 foi assim, 25 foi assim e 26 foi assim. Porém, em 27 éramos legais [como Bloco Operário], tínhamos o jornal diário e mobilizamos 10 a 20 mil trabalhadores na Praça Mauá, junto a estátua de Mauá, que nesse tempo era na entrada da avenida. Ela tinha, assim uns degraus, os oradores subiam e falavam . 27, 28, 29, foram três grandes Primeiros de Maio: 10 a 20 mil trabalhadores. Talvez, em 29, tivesse de 20 a 30 mil trabalhadores. uma grande massa. E aí, o Partido Comunista aparecia, lançava as suas palavras de ordem; antes, distribuía manifestos especiais, jornais especiais, preparando o 1º de Maio.

A grande massa porque nós mergulhamos nos sindicatos. Os sindicatos estavam reduzidos a esqueletos depois das derrotas de 17 e 20... Houve vitórias e houve derrotas. Nós voltamos aos sindicatos e começamos o trabalho mútuo, lento, paciente, dia-a-dia nos sindicatos,

ali...pé-de-boi, pé-de-hoi. E o número de membros dos sindicatos aumentou. Foram estes os mais importantes Primeiro de Maio.

Depois veio Getúlio. Enganou os trabalhadores, mistificou. Quem resistia, era punho de ferro: prendia, deportava, dava pancada. Os mesmos bandidos da polícia que surravam os trabalhadores na prisão, no tempo de Bernardes e Washington Luiz, foram aproveitados por Getúlio.

Que a polícia bate em preso comum é uma coisa que se sabe. É a história do Brasil inteira. Agora, lendo o livro do Basbaum, ele fala de como era tratado até 30 e, só em 30 e lá no RS. é que ele diz que levou umas bofetadas.

Não, aqui bateram sempre. Queriam um nome, queriam um endereço. [Diziam:] "

Quem são os comunistas ?" [Resposta:] " Não sei ".

Antes de 30 ?

Antes de 30. O Serafim Braga era um dos chefes dos carrascos. Era a Quarta Delegacia, quer dizer, a Delegacia política e ele comandava os grupos que davam pancada.

João Valentim Argolo - esse foi em 24. Foi preso, foi levado primeiro para a polícia central, depois foi levado para um navio negreiro aí, e cada dia era acordado debaixo de chicote.

" Negro safado " - era assim - " onde está Otávio Brandão?" Ele sabia, não disse. Agüentou muitas surras, cada dia. E passava o dia inteiro quebrando o cascão velho do navio negreiro. Não deu um nome,

não deu um endereço. Foi maravilhoso! João Valentim Argolo! Era o cozinheiro do Palace Hotel - antes, era cozinheiro de bordo e quando da greve dos marítimos, ele participou da greve, sofreu muito; depois ficou desempregado e foi trabalhar no Palace Hotel, que neste tempo era na Avenida, esquina Almirante Barroso. Não existe mais este hotel.

Um negro maravilhoso! Sabia, foi ele que me levou a um casebre no Morro do Pinto, na rua Saldanha Maranhão. Foi ele que me levou lá e se desse [o endereço] eu estaria perdido. Teria sido deportado para a Clevelandia, não estaria vivo...lá na fronteira. Durante 2 anos e 9 dias, a polícia me procurou e não me encontrou. E hácia, hácia em meio mundo.

E havia alguma distinção, por exemplo, entre o senhor e o Leônício Basbaum que eram intelectuais, e os operários ?

Esse, porque era de uma família rica, eles sabiam que era da família Basbaum, donas das "Lojas Brasileiras". Então, esse não sofria. Os negros sofriam duas vezes: como operário comunista e como negro. " - Negro safado ! " e buliam. Ou então socos ; ou então, palmatória. Houve camarada que levou 10 bolos. O crime dele: vendia o nosso jornal **A Classe Operária**. Dez bolos ! Não diziam nada. Outros, porém, diziam: " *Policiais infames ! Bandidos ! Vamos lá p'rá rua que eu dou uma surra em vocês !* Havia um carpinteiro [que dizia:] " *Eu dou uma surra em cada um de vocês !* " Aí, levava mais 10 bolos, 20 bolos. E novamente, ele dizia:

" Vocês me batem, porque são tantos contra um só. Vamos lá para a rua, que eu dou uma surra em cada um de vocês! " Levava 30, chegava a levar 40 bolus. [A polícia dizia:]

" Seu cachorro! Você é desafortado! Está proibido de vender este jornal *A Classe Operária* ". E ele dizia:

" Eu saio daqui e vou para o cais do porto vender *A Classe Operária*, contra as ordens."

Era assim...desafortado E se dizia [para ele :] " Não vai brigar lá dentro, porque eles são dez e você é um só e surtam você "

Sempre, sempre foram surtados pela polícia. A rua da Relação, eu chamava de ' rua da delação' ...esquina rua dos Inválidos, Sempre, sempre ...foram surtados, ou levavam bolos, ou surras, ou pelo menos socos. Eu levei socos, muitas vezes. [Eles diziam :]

" - (...) Pereira é comunista ? "

" Só o senhor perguntando a ele.."

" Qual o endereço dele ? "

" Ah, eu não sei"

" Como não sabe, seu cachorro comunista ? " E levava socos. Eu era intelectual, e no entanto levava socos, socos... Já no tempo de Dutra, eu levei tantos socos que fiquei seis meses convalescendo. Estava sentado..., estava deitado e quando me levantava, tinha aquela vertigem (....)

É que eu tinha a impressão que antes de 30.....

Houve repressão e surras. É que certas pessoas eram privilegiadas, privilegiadas entre aspas .

Mas é que depois de 30, me parece que acabou todo o privilégio. Hoje em dia, também. As coisas que se faz, os tipos de torturas que existem hoje, são muito piores.

É que agora..... houve explicações da Gestapo para Filinto Müller, como combater (....) os comunistasinfluência dos espíões da Intelligence Service, espíões da CIA. "Educando", entre aspas, os policiais brasileiros, na ilusão de que iriam acabar com o movimento operário e o movimento comunista. Também o tzar tinha esta ilusão: "Não poupem as balas"- dizia o tzar e levou o diabo ... " Não poupem as balas..." E, de fato, não pouparam as balas. Até na Rússia.....

E cada vez piora, eles tem mais bombas, mas nós adquirimos mais experiência, eles também adquirem mais experiência, porque aproveitam agentes da Gestapo, aproveitam agentes ingleses, Intelligence Service . Até 30, eram espíões ingleses e aproveitaram da CIA e do FBI. Todos esses tipos que faliram na Alemanha, foram para os EUA ... foram derrotados e foram para os EUA, que os aproveitou.

...O Sindicato dos Festivadores, dirigido por Luis Oliveira, era um agente da polícia, eram amarelos. Então, eu tive que optar e optei pelos anarquistas ...dois anos e meio fiquei anarquista. Depois, compreendi os erros teóricos e práticos do anarquismo, li Marx e li Lênin e aderi ao Partido Comunista, em 22 . Quer dizer, esta cisão do movimento anarquista e as derrotas das greves, dos movimentos, como eu disse: greve da Leopoldina em 1920 ; greve dos marítimos, também em 1920 - isto debilitou o movimento sindical. Os operários foram ao sindicato com aquela ilusão toda. Não tinham nada na cabeça! Queriam

melhorar as condições de vida e trabalho; melhoraram, pronto! Aumentaram os salários, dia de 8 horas, delegados sindicais. Qualquer abuso na fábrica, logo o delegado sindical telefonava para o sindicato avisando; "É isso, assim..." e o sindicato... Aquela força toda foi quebrada pelo governo de Epitácio Pessoa e pelos erros do anarquismo. Erros teóricos e práticos, pelas greves derrotadas. Greves, grandes greves, como a dos marítimos e da Leopoldina [que] pararam o Rio de Janeiro. Imagina, toda uma cidade parada: não havia trem, não havia automóvel, não havia nada, nada, nada. Grandes cidades paradas. Greves gerais, uma coisa muito importante, mas aquela massa com ilusões e a direção era anarquista, depois da greve geral, não sabia o que fazer.

Inclusiva, a greve geral de 17, em São Paulo parou a cidade toda.

Todas elas. Todas na Baía, no Recife...todas elas. Uma vaga de greves de 17 a 20. A primeira grande vaga de movimentos democráticos no Brasil. Os estrangeiros iam para a praça Mauá e lá falavam, diziam claramente o que pensavam. Chegava, parava um navio, aí no porto, na praça Mauá e sempre aparecia um marinheiro de um desses navios e falava, em inglês - marinheiro inglês ou americano - e falava em inglês, no comércio de 1º de maio, na Praça Mauá;

"Eu sou marinheiro, eu sou inglês"

Falava em inglês e os operários não entendiam, mas diziam: "Viva a Internacional, viva o movimento" E cantava, imagina, os operários desfilavam cantando:

De pé: ó vítimas da fome,

De pé: famélicos da terra

Ruja a razão, ruje...."

Imagina, dezenas de milhares de trabalhadores cantando o hino do proletariado que era o canto da Internacional.

" Bem unidos façamos

esta luta final

de uma terra sem amos

A Internacional "

Era uma coisa bonita, com aquela bandeira do sindicato. Cada sindicato levava a sua bandeira. Isso foi em 19, isso foi em 27, 28, 29. Em 30, não me lembro. Devia estar na vida ilegal, muitas coisas eu só sei é por ouvir contar. Não pude participar porque eu estava preso, ou então na vida ilegal.

Houve alguma participação dos anarquistas nessas comemorações de 27, 28, 29?

Não! Não, aí eles ...Depois daquela luta teórica do Partido Comunista e do trabalho prático de penetração nos sindicatos, etc. Em cada sindicato havia uma verdadeira luta entre comunistas - membros do PC - e anarquistas. Nós chamávamos de 'anarcóides', eram anarquistas degenerados. Não tinham nada na cabeça.

Oiticaiaeu escrevi um livro **Rússia Proletária**. Depois, travamos a luta no terreno teórico e no terreno prático. No terreno prático - portas de fábricas, bairros operários e dentro dos sindicatos. E, no terreno teórico, lendo Marx, Engels e Lênin; e, baseados neles, travamos a luta contra o anarquismo. Há um livro meu **Rússia**

Proletária - defendendo a Revolução na Rússia que os anarquistas atacavam e defendendo o marxismo contra o anarquismo. Eles me responderam no mesmo terreno. Foi quando o Oiticica, que era um dos chefes principais... aproveitou a seção operária do jornal burguês *A pátria* e escreveu lá: "*Otávio Brandão não pode fazer carreira no movimento anarquista, então aderiu ao Partido Comunista, quer ser deputado, senador ou ministro*". Coisas assim, ataques pessoais.

Quer dizer... eles travaram a luta num terreno muito fraco, num terreno teoricamente muito pobre e, praticamente... Foi preciso intervir no Sindicato da Construção Civil. Dois comunistas queriam matar os anarquistas. [Eles diziam:] "*Ah, bandidos!*". Digo: "*Mas são operários, como é que vocês vão (...)*" [Eles diziam:] "*Ah! Tem que resolver no tiro!*" Tá doido, queriam brigar de tiro! Foi uma luta do Partido. Nunca, na construção civil, os operários estavam tão infiltrados de individualismo, de anarquismo, de confusão, que iam resolver... Os comunistas, queriam resolver a tiro! (...) convocou a reunião deles, discutimos e não conseguimos, nem nos sapateiros, nem na construção civil. Nos outros sindicatos, derrotamos os amarelos e derrotamos os anarquistas. Então, a luta deles foi muito fraca. Resultado: foram perdendo terreno entre os intelectuais, entre os operários, entre tudo isso.

E veio o 5 de julho de 24. Havia uma reunião lá, que eles marcaram, e eles foram a reunião. Ah! Houve a insurreição de São Paulo, a polícia foi lá no sindicato e prendeu. Prendeu e deportou uns tantos estrangeiros - como Marcos da Costa - e os brasileiros ficaram presos anos e anos, como o Oiticica, na Ilha Rasa. Oiticica esteve anos aí. Nós tratamos de mergulhar na vida ilegal e continuar a luta. E

continuar a luta. O problema não é na vida legal ou ilegal, o problema é continuar a luta. Então, em 27, os anarquistas estavam reduzidos a esqueletos, no Rio. Não em São Paulo, não pudemos travar a luta, uma luta séria em São Paulo. Não tínhamos gente para mandar e os que mandamos fracassaram completamente como Aristides Lobo.

Aristides Lobo dizia: "Eu não sei falar aos operários nas portas das fábricas." E como é que pode conquistar esses operários se não vai lá, nas portas das fábricas? Ele foi ler Trotski, não leu Marx, nem Engels, [não] estudou Marx, Engels, Lênin, sobretudo Lênin, que é uma base teórica e táctica excelente. Ele estudou Trotski, ficou trotskista... acabou abandonando... Ele e outros acabaram trotskistas e abandonaram o Partido Comunista. Morreu e não fez nada. Pegou cadeia, cadeia... O mártir, o mártir do trotskismo.

Quando a gente estuda um pouco a história do movimento operário, a gente sempre vê que o Partido Comunista é muito mais forte no Rio do que em São Paulo. Em São Paulo, ele nunca se estrutura, nunca é forte. É isso ao longo de quase uns 50 anos.

Nunca pudemos criar uma base séria em São Paulo. Fizemos várias tentativas, todas elas... Essa de Aristides Lobo; a outra era um rapaz, um operário metalúrgico, português. Ah! Foi preso e deportado. Bom começo! Ele ia às portas das fábricas, era operário. Fizemos várias tentativas em São Paulo, todas elas fracassaram. E não tínhamos gente disponível no Rio para mandar para São Paulo. São Paulo foi uma verdadeira tragédia!

No Rio, o comunismo nasce e começa a se fortalecer. Em São Paulo, ao longo de 50 anos, me parece que o Partido nunca tem maior implantação social!

Prestes mudou-se. Foi morar em São Paulo, não conseguiu nada.

Mas o Prestes, também, nunca fez trabalho de massa.

A visão dele foi influenciar a (...) a reboque de Adhemar, apoiando aqueles politiquinhos (...). Não era o caminho; como agora, à reboque do MDB não é o caminho. Quando a gente precisa apoiar A, B ou C, sempre impõe condições. Condições tais, tais, tais. Ele, em 45, apoiou Getúlio, sem condição nenhuma, "Constituinte com Getúlio", como se fosse um quememista vulgar.

E, depois, apoiou o Dutra, o que foi pior ainda.

Propôs frente única. Que frente única com Dutra! Não conhecia quem era Dutra. Basta ler a biografia do sujeito. Politiquinho nojentão! Um oficial covarde. Foi ver a FEB na Itália; os alemães lá, botaram o binóculo e viram aquele movimento. Vieram as balas e Dutra pegou o primeiro automóvel e fugiu. Deixou lá, os soldados brigando com os hitlerianos, com o exército alemão, Covarde!

Pois o homem foi condecorado por Hitler; ele e Góis Monteiro. Imagina, que miséria! "Pelos grandes serviços prestados ao III Reich." Uma vergonha!

Só faltou condecorar o Getúlio.

Podiam ter condecorado o Getúlio. O jornal de Hitler, o (...) e o jornal de Mussolini *Il popolo di Itália*, anunciaram em novembro de 37 - eu estava em Moscou - "Agora o Brasil rompeu com os seus laços com as democracias apodrecidas e vai aderir ao pacto das grandes potências". Era o pacto Berlim - Roma - Tóquio. Por um triz, em novembro de 37, o Brasil não aderiu. Nós iniciamos uma campanha tremenda pela Rádio de Moscou, chamando Getúlio de bandido fascista para baixo. E os americanos, o governo americano - Roosevelt - não podia permitir que o Brasil caísse nas mãos de Hitler. Então, houve uma queda na bolsa do café, em Nova York, queda dos preços do café e Getúlio compreendeu que não podia, impunemente, aderir ao pacto Berlim - Roma - Tóquio. Já ia aderir...o compromisso do Getúlio com o embaixador hitleriano no Rio de Janeiro. Foi uma infâmia, 37.

Então, um dos grandes erros do partido foi não ter feito, não ter conquistado posições. Porque posições nós tínhamos de conquistar, imagina, em 4 anos de estado de sítio. Só podia fazer reuniões com 3, 4, 5 operários; 5 no máximo. E o trabalho todo ilegal. Repetir a mesma coisa, ensinar as coisas elementares...pequenas coisas.

Mas isso aí não é o básico do leninismo?

Ensinar as pequenas coisas. Acostumar os operários a ler Lênin.

E, falando nisso, que material tinha aqui, na década de 50?

O material [que havia] eram livros de Lênin, em francês e espanhol. Nós, então pegávamos - os intelectuais pegavam - o texto em francês ou espanhol e traduzíamos e líamos para pequenos grupos. Durante os anos de estado de sítio líamos para pequenos grupos - 3,4, 5 - nos bairros operários. Nas grandes empresas - fizemos a lista das grandes empresas do Rio de Janeiro e fomos, uma por uma, reunindo pequenos grupos de operários. Não sabiam as coisas mais simples. "porque o Brasil não é independente?". Eles achavam que o Brasil era independente.

Para você ter uma idéia do ambiente, um dos meus cursos, em 1925, fins de 25, era em Niterói, lá numa praça. Era num sindicato. Lá, num certo dia ... o sindicato ficava fechado, mas ia alguém - um empregado, um camarada - e abria e eu fazia o curso. Quando chegava a minha vez - em 25 - primeira vez: olhei assim e a quase totalidade era de negros - alguns, assim, brilhantes! - Eram trabalhadores, carpinteiros navais, metalúrgicos daquelas ilhas perto de Niterói. Eu comeci: " *O nosso inimigo principal é o imperialismo: o imperialismo inglês, o imperialismo norte-americano* " - naquele tempo. " *O imperialismo é a dominação dos monopólios. Monopólio é a Light, a Standard Oil, tal companhia, tal companhia.* " Falei uns 15 minutos. No final, eu perguntei: " *Estão entendendo?* "

Levanta um carpinteiro - preto, preto. Ele me conhecia - nunca me denunciaram; eu vivia disfarçado, era estado de sítio.

" *Não estou entendendo, camarada Otávio (...). Quando é que terminou o império?* "

[Eu respondi :] " *Em 1889.* "

" *E porque é que veio, agora, o camarada Otávio, e vem aqui dizer que o inimigo principal do Brasil é o imperialismo? Isso já acabou! Acabou em 1889. Não tem mais nada a ver com o Império!* "

[Digo :] " *mas eu nem falei* "

" *E Pedro II já morreu, a mulher dele já morreu, a filha morreu. O que é que tem que ver? Não tem mais nada com o Império!* "

[Digo :] " *Mas eu nem falei em Império!* "

" *Mas não falou em imperialismo? Mas não é a mesma coisa?* "

[Digo :] " *Não! Ai, eu mostrei, é a dominação dos monopólios, como a Light. Não tem nada a ver com Pedro II. Não adianta continuar, eu digo uma coisa, vocês entendem outra, não adianta. Vamos combinar. Mas tenham cuidado, senão vocês vão parar na Clevelândia e eu também. E eu não agüentarei a Clevelândia. Lá tem muita febre, impaludismo; já tive quatro anos de impaludismo no nordeste. Então, tenham cuidado, vocês escolhem dois, três de vocês e de domingo, no Rio de Janeiro. Avenida esquina rua da Alfândega, os três estão ali.* " Quando foi no dia seguinte, eu olhei assim, ali estavam dois ou três, não me lembro bem - isso foi em 25 e estamos em 79. Estavam, assim, dois ou três, na esquina. E fomos pela Rua da Alfândega. " *Banco Alemão Transatlântico, é imperialismo alemão. O imperialismo é a dominação dos bancos. Os bancos dominam as fábricas, dominam o jornal, dominam a opinião pública; há sempre advogados, filhos de papai, de politiquetos, altos Imperialismo alemão: Banco Alemão Transatlântico.* " Adiante:

"Banco London River Plate Bank : imperialismo inglês . Yokohama Banki Fust : imperialismo japonês" Na Rua da Alfândega, banco por todos os lados. E eles saíram, aqueles três saíram repetindo: *"imperialismo, dominação dos bancos. Sem bancos não há imperialismo. O banco toma conta das fábricas, o banco toma conta do jornal, o banco é que influi a opinião pública, assim, assim."* E saíram, aqueles três: *"imperialismo é o banco. Banco, banco, banco. Esse banco domina tais e tais fábricas; é o dono de tais e tais fábricas"*

Fui cusinando assim, e assim, eles começaram. Para ver o atraso! Foi preciso ir à rua, isso em 25. Foi preciso ir à rua da Alfândega mostrar concretamente os edifícios dos bancos; que o imperialismo não é uma palavra abstrata, mas uma palavra concreta. Dominação dos monopólios, dominação dos bancos. O banco apodera-se das fábricas. Por que? porque as fábricas chegam lá na hora de pagar o perário, contrair lá um empréstimo, qualquer coisa, tem que ser o banco, sempre o banco. Os jornais...comprem os jornais do Chateaubriand ... são os bancos que dominam e assim por diante. Aqueles três ... ainda me lembro. No outro domingo, outros três, outros três. E assim foi até que compreenderam. Depois, organizaram células naquelas ilhas, fizeram greves, mas isso já foi depois; eu estou contando histórias de 1925, células, grandes empresas ligadas ao imperialismo.

Em 27, terminou o Estado de Sítio. O nosso jornal, *A Nação* só pode durar de janeiro a agosto de 27. O governo fez aprovar a chamada Lei Celerada. Fizemos campanha, mas o governo tinha a maioria, aprovou. No dia seguinte, o representante do Banco da

Inglaterra estava no Palácio do Catete. O Correio da Manhã deu a notícia: "Palano de Taí, representante do Banco da Inglaterra foi ao Palácio do Catete..." Estava já há dias no Rio de Janeiro, esperando a aprovação da Lei Celerada. Lá no Palácio do Catete, combinou com Washington Luiz o empréstimo: 16 e meio milhões de libras, libras esterlinas - naquele tempo, eram libras para a criação da nova moeda, o cruzeiro; reforma da moeda, não sei o quê (...). Fizemos 27...aí não podia ser mais...proibiu lá na Praça Mauá. Tinha de ser na Praça do Teatro Municipal. Fizemos grandes comícios, na Praça do Teatro Municipal.

E a polícia também não intervinha?

Não intervinha porque manobramos e fundamos o Núcleo de Defesa dos Direitos Constitucionais, uma frente, estendemos a mão a todos os partidos de oposição. Neste momento, o Batista Luzardo, futuro chefe da polícia de Getúlio em 30, Batista falava contra a repressão, contra o governo Washington Luiz, contra a Lei Celerada. E eu falei também: é fácil ver o que eu disse nesse comício: saiu no jornal *A Nação*, um resumo, uma síntese do meu discurso. Mobilizamos a massa, assim, comício de 10 mil, 20 mil trabalhadores na Praça do Teatro Municipal, em 27. Quando nós fechamos o jornal, para não ser fechado.



Nestas manifestações de 27, 28, 29 não houveram também manifestações paralelas dos chamados sindicatos pelegos ou amarelos ?

Faziam sempre, que o 1º de maio, havia aquela idéia que era dia do trabalhador. Então, eles tinham que fazer concessões ali. Convidavam o representante do chefe de polícia, os representantes do governo. E sempre ali, havia uma comemoração: eles pregando a conciliação de classes, apoio do governo, não fazer greves, etc. etc. Era o Sindicato dos Estivadores, Sindicato dos Trabalhadores em Trapiches de Café; havia uma série... muitos sindicatos, sobretudo do cais do porto. E não penetravam mais porque travamos lutas dentro dos sindicatos. varrendo os policiais, os amarelos. Associação dos Marinheiros e Remadores, aí tivemos que travar uma luta contra um desses amarelos que queria entregar o sindicato à polícia. Foi o meu artigo, como era o nome dele? Fernando...Messias José Teles. Esqueci o nome dele! Foi me procurar: "Preciso escrever um artigo! Digo:" Não temos jornal no Rio de Janeiro, publica no **Solidário de Santos**. E publicamos no **Solidário de Santos**, desmascaramos os (...) e os marinheiros espalharam os jornais, levaram a todo o Brasil, marinheiros e.....

E essa manifestação dos pelegos, dos amarelos, ela era concorrida ?

Havia a dos sindicatos operários do cais do porto. E era assim; quem não era filiado ao sindicato não podia encontrar trabalho. Então, tinha que aderir ao sindicato.

Esses sindicatos dos pelegos, eles tinham uma massa, mas havia uma contraposição ao 1º de Maio, enquanto os comunistas faziam uma manifestação, eles faziam outra ?

Eles faziam campanha sempre. Como agora, qualquer discurso que os generais fazem(....) Eu dizia : *"Mas que diabo! Vocês não tem outra coisa a dizer."* Qualquer general, hoje, faz discurso; de posse, de repouso, de transpasse, lá vem (....) Tinha (....) aproveitando o estado de sítio e mesmo depois.

Agora, depois nós nos infiltramos. Depois, com a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro e depois, com a Confederação Geral do Trabalho, nós nos infiltramos nestes sindicatos e núcleos amarelos e começamos a travar a luta. Mas veio Getúlio em 30, criou o Ministério do Trabalho, montou a máquina dos pelegos, mais as leis trabalhistas. Toda uma máquina montada, sobretudo as leis trabalhistas, e aí, deformou essa massa. E os comunistas, com a cabeça cheia da Revolução Soviética imediata, tomaram na cabeça.!

Quando veio o movimento armado de 30, com aquela massa toda à reboque, de uma quadrilha de patifes, como o Getúlio Vargas, o Partido comunista cruzou os braços. Prestes também cruzou os braços, pregando a Revolução Soviética no Brasil. Eu fui contra, mas a Conferência dos Comunistas em Buenos Aires... eu teria que aceitar, sob pena de ser expulso imediatamente como traidor.

Não era a política do III Período ?

Não, isso foi em 35. Em 30, Prestes aderiu a tese da revolução soviética imediata e eu fui obrigado a aderir. Falei contra, eles

disseram que o Brasil já podia ter soviéticos e um governo soviético implantado e que eu ia impedir isto. Eu disse: " *Mas que coisa extraordinária, um homem só impede uma revolução soviética! Me deixem no meu lugar modesto (...). Vocês me põem lá em cima e o resultado é que quanto maior é a altura maior é a queda.* " Eles disseram: " *Está debochando? Vamos expulsá-lo como traidor!* " A coisa era séria mesmo, em Buenos Aires.

E ficou o Partido, de braços cruzados diante daquele rastro de movimentos de massa em 30, chefiados por aventureiros como Getúlio, Antônio Carlos em Minas Gerais e assim por diante. Está aí o que dá o sectarismo - uma palavra (...) ficou assim até o começo de 35.

Em 35, veio uma nova palavra de ordem: a Frente única Anti-imperialista, a Aliança Nacional Libertadora, isso foi justo. Mas eram sectários e foram a insurreição armada, na Praia Vermelha, que não tinha nem para onde fugir, em caso de derrota. Há dois mil anos, César ia travar uma batalha contra os gauleses, mas sempre recuava (tinha um campo entrincheirado) ele recuava. [César pensava:] " *pelo sim, pelo não, eu recuo nesse campo entrincheirado e mando emissários a Roma pedindo mais soldados para continuar a guerra.* " Há dois mil anos, César tinha compreendido isso. Prestes, em 35, não compreendeu (...). E o resultado foi a derrota, hoje pagamos a derrota ... Os camundongos dentro da ratoeira: não tinham nem pra onde fugir. Em cada derrota, é preciso recuar para recomeçar a batalha, reorganizar tudo. (...)
Que mais quer saber?

Olha, eu acho que.....

Quer mais detalhes ?

Não, só teria assim....Que tipo de reivindicação se levantava em 19, 27, 28, 29?

Em 19, dia de 8 horas, aumento de salários e liberdade sindical, naquele período. Depois, leis trabalhistas, queriam - isso que o Getúlio fez com o Lindolfo Collor - nós levamos anos e anos reivindicando. Getúlio (...). Queríamos delegados sindicais, defender o dia de 8 horas, o aumento dos salários, leis trabalhistas, a luta contra o imperialismo, confiscação e divisão das terras, reivindicações imediatas para os trabalhadores rurais, quer dizer; se era meiro, reduzia, em vez de pagar a meia, pagava um terço. Se era operário agrícola, o direito de plantar alguma coisa para a alimentação, criar alguma galinha, porco, etc. O patrão não deixava. Estas então eram as (...). Liberdades para os camponeses. Isso fomos diretamente aos meios camponeses. O nosso camarada Teotônio de Souza Lima, em Sertãozinho, interior de São Paulo, organizou marcha dos trabalhadores das fazendas de café, em direção a cidade de Sertãozinho para fraternizar - uma coisa maravilhosa! - fraternizar com os operários. Washington Luiz mandou dissolver isso a pau. Ameaçavam diretamente aos fazendeiros de café. Ele era homem da valorização do café, ligado aos fazendeiros; era um joguete dos fazendeiros, não podia permitir uma coisa dessas. Era um perigo tremendo! Fraternização dos trabalhadores, dos colonos do café com os operários da cidade de Sertãozinho. Uma coisa maravilhosa aquele desfile do 1º de maio! Teotônio de Souza Lima, um herói da história do Brasil! No meu livro de memórias tem lá o nome dele. Antes silenciaram, até Astrojildo.

Astrojildo, no livro dele, disse que no Bloco Operário e Camponês, só tinha de camponês o nome, não tinha um camponês. Eu rebati Astrojildo pela Revista Brasiliense, um longo artigo: **Combate da Classe Operária**. Foi num dos últimos da revista logo depois foi fechada, veio o golpe armado.

O Astrojildo não tinha nada...Tinha velhos documentos, velhos artigos, [em] que ele não citava um - chamava **Formação do PCB** o livro do Astrojildo - ele não citava um único dos trabalhadores que forjaram o Partido Comunista naqueles anos. Um, um ! Se ele tivesse citado três, quatro . Ele era o secretário do Partido, quando chegou a hora, para agradar ao Prestes, ele não deu o nome de um só operários. Porque Prestes os prestistas diziam : " *Antes de 34, quando o coniarada Luis Carlos Prestes aderiu ao Partido não havia nada.*" E, de fato, publicaram inúmeros artigos...

Grabois vem com este tipo de argumento: que o partido antes de 30 não era nada, que os sindicatos eram fracos, sem...

O Grabois ?

O Grabois, e aí o Leôncio faz um artigo criticando e tal...

Quando eu cheguei da Europa, estava em um grupo e o Grabois disse : " - *Antes de 45 nada houve no movimento operário do Brasil . O movimento operário no Brasil começou em 1945 .*" Eu dei logo a resposta :

- *Não tenha culpa que você tenha aderido outro dia. Eu aderi em 17 ao movimento operário. Vinha lutando desde 1912 . Encontrei o movimento operário a partir de 17. Mas antes de 17, houve muitos movimentos, muitas lutas, das quais eu só soube depois, pelos livros.*" Ele zangou-se comigo, nunca mais me perdoou, lutou para me expulsar do Partido, fez uma série de tramus para me expulsar e acabou expulsando-me.... Ele morreu no Araguaia, querem agora criar um mito. Ele arrasou toda uma série de pessoas inocentes. Monerani... eram 63 contra milhares e milhares...os próprios camponeses, os próprios índios que denunciaram : - " *em tal parte há um grupo assim...* " . Lá lá o exército, massacrava todo mundo. Dizem que o Grabois morreu lá , não sei...

O Grabois não morreu na casa da Lapa ?

Não, este foi o Pedro Pomar . Grabois é dado como morto quando da repressão do Araguaia. (...) mocinha, saiu de Minas, foi para o Araguaia. Foi assassinada pela polícia. Segundo a polícia, não havia dozelas na guerrilha. Então foram examinar... depois de morta. Veja a infâmia desse Hugo Abreu! Foram examinar se era mesmo virgem, depois de morta! Saiu num livro da Alfa-Ômega. Depois de morta foram examinar se era ou não virgem...O Exército...Hugo Abreu, que agora [posa de] inocente. Que mais quer saber?

Pois é, estou lhe cansando, não é?

Isto não acaba mais, chega até meia noite ! (rindo)

É, história tem bastante...